

Sábado

Mônica Ventura e Rita Gaspar Vieira

Foi numa tarde de sábado, em 1822, quando às margens do rio Ipiranga D. Pedro I, montado em uma mula, proclamou o grito de independência. As celebrações da efeméride, ainda hoje povoada por mitos e equívocos históricos, são o ponto de partida para a construção desta exposição, que promove o encontro entre a brasileira Mônica Ventura e a portuguesa Rita Gaspar Vieira.

O sábado, dia da semana que na tradição judaico-cristã está reservado ao descanso e à oração, aqui é evocado para sugerir um momento de escuta e reflexão sobre os ecos do passado no presente. Com suas propostas ambas artistas procuram examinar e evidenciar feridas ainda abertas e dinâmicas que se perpetuaram ao longo desta história compartilhada. Ao mesmo tempo, existe por parte delas um desejo de semear e criar um espaço comum, de cura e transformação. Dia de Saturno, Deus da agricultura, o sábado é também um momento para observar o ciclo da natureza e o crescimento de uma nova vida.

As obras, em sua maioria produzidas especialmente para o projeto, foram concebidas em diálogo com a arquitetura, os jardins e a condição política e simbólica do Consulado Geral de Portugal em São Paulo —espaço que manifesta a complexidade da relação de mais de cinco séculos entre os dois países—. Ambas artistas contaminam e ocupam este lugar propondo aos visitantes outras leituras desta história e novas coreografias e vivências.

Com raízes negras e dos povos originários do que hoje chamamos Brasil, Mônica Ventura parte da recente chegada ao país do coração embalsamado de D. Pedro I para criar uma obra pulsante que se capilariza pelo espaço e se transforma ao longo do período expositivo. Em um movimento oposto ao do coração do Imperador, guardado a sete chaves no Porto, o órgão vital idealizado pela artista rejeita a ideia de permanência e eternidade. Sua peça é efêmera e desobediente. Construída em uma ação ritual a partir da junção e entrelaçamento de elementos naturais, ela se infiltra e se expande para construir uma teia rizomática.

Se por um lado a artista brasileira traz referências e saberes ancestrais ameríndios e africanos ligados a uma consciência ecológica, Rita Gaspar Vieira utiliza elementos orgânicos para evocar fantasmas e tocar em questões de identidade nacional e fronteiras. No Consulado Geral, um espaço oficial de representação, a artista portuguesa trabalha a partir dos símbolos nacionais de ambos países, que no caso do Brasil estão associados a uma linha de pensamento concreta desde a apropriação da bandeira nacional e do verde e amarelo no processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff e na campanha de Jair Bolsonaro. Esquematizadas em tecidos de algodão, despidas de suas cores originais, aqui as bandeiras servem como suportes para derrames de papel artesanal pigmentado com terra das duas geografias. As peças procuram aludir ao passado presente comum e suas várias marcas e cicatrizes. Ao mesmo tempo que buscam questionar nacionalismos, procuram também imaginar uma

possível identidade coletiva, híbrida e em constante revisão e transformação. Talvez, o único caminho possível daqui para frente.

Isabella Lenzi
curadora

—

Saturday
Monica Ventura and Rita Gaspar Vieira

It was on a Saturday afternoon, in 1822, when on the banks of the Ipiranga River D. Pedro I, mounted on a mule, proclaimed the cry of independence. The celebrations of the event, still today populated by myths and historical misconceptions, are the starting point for the construction of this exhibition, which promotes the meeting between the Brazilian Mônica Ventura and the Portuguese Rita Gaspar Vieira.

Saturday, the day of the week which in the Judeo-Christian tradition is reserved for rest and prayer, is evoked here to suggest a moment of listening and reflection on the echoes of the past in the present. With their proposals, both artists seek to examine and highlight open and dynamic wounds that have been perpetuated throughout this shared history. At the same time, there is a desire on their part to sow and create a common space of healing and transformation. Day of Saturn, God of agriculture, Saturday is also a time to observe the cycle of nature and the growth of new life.

The works, mostly produced especially for the project, were conceived in dialogue with the architecture, the gardens and the political and symbolic condition of the General Consulate of Portugal in São Paulo—a space that manifests the complexity of the relationship of more than five centuries between the two countries. Both artists contaminate and occupy this place, proposing to visitors other readings of this history and new choreographies and experiences.

With black roots and roots from the original peoples of what we now call Brazil, Mônica Ventura departs from the recent arrival in the country of the embalmed heart of D. Pedro I to create a pulsating work that spreads throughout the space and transforms throughout the exhibition period. In an opposite movement to the heart of the Emperor, kept under lock and key in Porto, the vital organ idealized by the artist rejects the idea of permanence and eternity. His play is ephemeral and disobedient. Built in a ritual action from the junction and interweaving of natural elements, it infiltrates and expands to build a rhizomatic web.

If, on the one hand, the Brazilian artist brings Amerindian and African references and ancestral knowledge linked to an ecological conscience, Rita Gaspar Vieira uses organic elements to evoke ghosts and touch on issues of national identity and borders. At the Consulado Geral, an official representation space, the Portuguese artist works from the national symbols of both countries, which in the case of Brazil are associated with a

concrete line of thought from the appropriation of the national flag and the green and yellow in the process of impeachment of former president Dilma Rousseff and in the campaign of Jair Bolsonaro. Outlined in cotton fabrics, stripped of their original colors, here the flags serve as supports for spills of handmade paper pigmented with soil from both geographies. The pieces seek to allude to the common present past and its various marks and scars. At the same time that they seek to question nationalisms, they also seek to imagine a possible collective identity, hybrid and in constant revision and transformation. Perhaps the only possible way forward.

Isabella Lenzi - Curator